

A estrutura da pessoa humana em Edith Stein: indicação para a formulação de uma psicologia fundamentalmente humana

The structure of the human person on Edith Stein: evidence for the formulation of a human psychology fundamentally

André Luiz de Oliveira¹, Andrés Eduardo Aguirre Antúnez²

Resumo

Nos últimos tempos, vêm surgindo, na área da psicologia, diversos questionamentos e discussões que visam problematizar o campo das ciências psicológicas. Esses questionamentos partem, principalmente, de profissionais oriundos da vertente fenomenológica, que questionam a atual tendência de priorização da técnica em detrimento de uma concepção qualitativa do ser humano, por parte da psicologia. O objetivo deste artigo foi discorrer sobre a teoria formulada por Edith Stein sobre a estrutura da pessoa humana, dentro da perspectiva fenomenológica. Edith Stein focalizou a estrutura essencial do ser humano e indicou um percurso metodológico para tornar a psicologia rigorosa em seus fundamentos filosóficos e ainda mais sensível a seu objeto de estudo, o ser humano. Por fim, considera-se que a concepção fenomenológica de Edith Stein contribui para compreender a complexidade do ser humano e também auxilia a valorizar o especificamente humano na psicologia, tornando-a mais humana em seus fins.

Palavras-chave: Psicologia; Edith Stein; Fenomenologia; Estrutura da pessoa humana

Abstract

Have emerged in recent times in the area of psychology many questions and discussions that aim to problematize the field of psychological sciences. These questions run mainly professionals from the phenomenological questioning the current trend of prioritizing technical rather than a qualitative conception of the human being by psychology. The aim of this paper is to discuss the theory formulated by Edith Stein about the structure of the human person within the phenomenological perspective. It appears that Edith Stein focuses on the essential structure of the human being and indicates a methodological approach to make rigorous psychology in its philosophical foundations, and even more sensitive to its subject, the human being. Finally, it is considered that the phenomenological conception of Edith

124

Stein contributes to understanding the complexity of human beings and also helps to enhance human psychology specifically, making it more human in their purposes.

Keywords: Psychology; Edith Stein; Phenomenology; Structure of the human person

¹ Programa de Pós-graduação (Doutorado) em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil. E-mail: andrepsico07@gmail.com

² Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil. E-mail: Brasil - antunez@usp.br

Recebido: 18/8/2017

Aceito: 4/10/2017

Introdução

Recentes publicações na área da psicologia questionam, discutem e problematizam o campo das ciências psicológicas (Mahfoud & Massimi, 2008, 2013; Serbena & Raffaelli, 2003; Roehe, 2006). Esses questionamentos vêm sendo feitos por profissionais que partem de uma perspectiva fenomenológica no campo da psicologia e que têm preocupações com o excessivo cientificismo adotado, atualmente, nessa área. São preocupações em termos da busca e retomada de reflexões sobre o ser humano fora do viés descritivo-causal, predeterminado e que vêm, sistematicamente, tomando conta das teorias psicológicas nos tempos atuais.

A inspiração para a problematização do campo da psicologia, por parte desses investigadores de orientação fenomenológica sobre os rumos da psicologia atual, advém de uma peculiaridade característica da fenomenologia, que é a de ser uma teoria crítica do conhecimento, que busca, rigorosamente, pesquisar seus fundamentos e problematizar seus métodos. Edmund Husserl (1859-1938), fundador da fenomenologia, já no início do século XX, procurava questionar o estatuto das ciências naturais e a atuação das diversas correntes filosóficas naquela época, apontando suas diversas dimensões, para propor, com isso, a fenomenologia como um novo modo de investigação e compreensão. Segundo Husserl (1934-37/2008a), tanto as ciências, quanto a filosofia daquela época baseavam seus pressupostos metodológicos nos métodos derivados das ciências naturais, o que distanciava o conhecimento sobre a essência do ser humano e orientava esse conhecimento para a busca da instrumentalização do humano pelo uso da técnica, gerando uma crise em seus fundamentos. Incluída nesse bojo, estava a psicologia que, segundo ele, se utilizava de uma perspectiva científico-natural em seus modos de atuação. Husserl, ainda no início do século XX, em seu livro *“Die Idee der Phänomenologie”* – cuja tradução para o português “A ideia da fenomenologia” é a usada neste trabalho –, dizia sobre as ciências naturais e a filosofia:

Na esfera natural de investigação, uma ciência pode, sem mais, edificar-se sobre outra e uma pode servir a outra de modelo metódico, se bem que só em certa medida determinada e definida pela natureza do respectivo campo de investigação. A filosofia, porém, encontra-se numa dimensão completamente nova. Precisa de pontos de partida inteiramente novos e de um

método totalmente novo, que a distingue por princípio de qualquer ciência “natural”. Daí que os procedimentos lógicos que dão unidade às ciências naturais com todos os métodos especiais, que variam de ciência para ciência, tenham um caráter principal unitário, a que se contrapõem os procedimentos metódicos da filosofia como uma unidade em princípio nova (Husserl, 1907/2000, p. 24).

Dessa forma, Husserl buscava questionar a confusão metodológica entre as ciências naturais e a filosofia, tentando demarcar suas diferentes especificidades, para, com isso, introduzir a fenomenologia como uma nova forma de fazer filosofia e, principalmente, como uma nova forma de investigação do ser humano, uma investigação dos fenômenos, assim:

“Fenomenologia” designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, “fenomenologia” designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico (Husserl, 1907/2000, p. 23).

Ao formular a fenomenologia, Husserl ofereceu novos pressupostos e novo método para o conhecimento do ser humano. Segundo Peres (2013), esse questionamento de Husserl sobre os fundamentos humanos teve grande influência no debate que travou com a psicologia experimental, então nascente. Wilhelm Wundt (1832-1920), representante máximo da psicologia experimental, com a fundação de seu laboratório em 1879, em Leipzig, na Alemanha, tentou inscrever essa disciplina no campo das ciências, se utilizando de técnicas instrumentais, o que conduzia a psicologia para um modelo vinculado às ciências naturais.

Portanto, a nova disciplina denominada fenomenologia surgia como uma alternativa para investigar os fenômenos do mundo e, entre eles, o próprio ser humano. Husserl, com a inauguração da fenomenologia, atraiu discípulos, como Edith Stein, por exemplo, que, a partir da fenomenologia, desenvolveu seu próprio pensamento, que se caracterizou como pertencente à chamada “escola fenomenológica”. Em comum, Edith Stein partilhava com Husserl o método fenomenológico de investigação, com o intuito de proporcionar a essa nova disciplina a possibilidade de ser uma teoria de investigação rigorosa, baseada em um

método próprio e universalmente aplicável. Husserl, em “*Ideen Zu einer reiner Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*” (Ideias relativas a uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica), afirmou sobre as prerrogativas de seu método:

Se nos firmamos nas normas que nos prescrevem as reduções fenomenológicas, se desconectamos rigorosamente, como elas requerem, todas as transcendências, se tomamos, pois, as vivências puramente em sua essência própria, se nos abre, segundo todo o exposto, um campo de conhecimentos eidéticos. Este campo se apresenta, quando se tem superado as dificuldades do começo, como infinito em todas as direções. A multiformidade das vivências com seus componentes essenciais, ingredientes e intencionais é uma multiformidade inesgotável, e pelo mesmo o é também a multiplicidade das relações essenciais e das verdades apoditicamente necessárias que se fundam nelas. Trata-se, pois, de tornar cultiváveis, para colher dos preciosos frutos este infinito campo a priori da consciência, ao que nunca se havia feito justiça em sua peculiaridade, mas ainda, que em rigor não se havia deixado ver nunca (Husserl, 1913/1962, p. 145)¹.

Tal método consistia na redução fenomenológica ou redução eidética, ou seja, reduzir o máximo possível os fenômenos que se apresentavam, buscando, assim, sua essência. Para conseguir isso, o fenomenólogo se utilizava da “*epochê*” fenomenológica, que significava uma abertura fundamental de sua parte para os fenômenos. Era preciso colocar entre parênteses os preconceitos e pressuposições de toda ordem às diversas formas de explicações e concepções a respeito dos fenômenos, buscando, desse modo, aquilo que lhes fosse peculiar, aquilo que lhes fosse inerente, aquilo que fosse fundamental, ou seja, sua essência.

A apreensão da essência, em termos fenomenológicos, se dá com a captação das variações eidéticas presentes nos fenômenos da experiência vivida pelo próprio humano

¹Todas as citações oriundas de referências em língua estrangeira foram traduzidas pelos autores do artigo.

em sua completude intencional, tanto em relação a si mesmo, quanto ao mundo circundante. Isso significa que aquilo que, através da vivência na doação de sentido é apreendido e se configura interiormente na subjetividade, é perfeitamente correspondente com o fenômeno intencional doador de sentido vivido pela consciência, sendo, então, na forma do aparecer dos fenômenos na consciência que se apreende a essência. A vivência dessa experiência é subjetiva, porém seu sentido é universal, já que a experiência essencial é unificadora e integradora e compartilhada pelos seres humanos.

Via método fenomenológico, podem ser captadas as essências em sua pureza, na forma em que elas surgem à consciência e, no caso do estudo sobre a essência do ser humano, o método fenomenológico ajuda a apreender, através das vivências, o essencial do humano, que é, para Edith Stein, o fato de este ser, em sua estrutura, psicofísico e espiritual. Edith Stein acrescentou, ainda, sobre o método fenomenológico:

Acabei de mencionar o princípio mais básico do método fenomenológico: voltar nossa atenção para *as próprias coisas*. Não fazer teorias sobre as coisas, deixar de fora o quanto seja possível o que foi ouvido e lido e as nossas próprias composições que fizemos sobre o tema, ao invés, abordar as coisas com um olhar livre de preconceitos e beber da intuição imediata. Se queremos saber o que o homem é, temos que nos colocar o mais vividamente na situação em que nós experimentamos a existência humana, ou seja, o que nós experimentamos em nós mesmos e em nossos encontros com outros homens (Stein, 1932-33/2007, p. 33).

O que Edith Stein indicou diz respeito à especificidade do método fenomenológico, enquanto caminho para chegar à essência dos fenômenos via investigação das vivências que manifestam essas essências. Nesse desvelar das essências, já surge um entrelaçamento da fenomenologia com a psicologia, pois, assim como Husserl (1936/2008b) já indicava, a fenomenologia surge, também, como fundamento da psicologia. Portanto, Husserl trouxe a noção de psicologia transcendental como aquela que estuda os fenômenos psicológicos essenciais, o seu dar-se no mundo de forma pura e universal, sendo as formas essenciais que fundamentam o estudo empírico da psicologia. Nesse sentido, Husserl afirmou:

Toda consideração objetiva do mundo é a consideração de um “fora” e capta só “exterioridades”, objetividades. A consideração radical do mundo é a sistemática consideração interior pura da subjetividade que se “exterioriza” a si mesma no “fora”. É como o que acontece na unidade de um organismo vivente, que bem se pode tomar em consideração desde fora e articulá-lo, porém só se pode compreender, se retrocede até suas raízes ocultas e se considera sistematicamente sua vida configurante desde o interior, em todas as suas efetuações, e que nelas e a partir delas se esforça para seguir adiante (Husserl, 1936/2008b, p. 155).

Para Husserl, a psicologia transcendental é o fundamento pelo qual toda psicologia rigorosa deve se situar e só poderá ser constituída via fenomenologia e seu método fenomenológico. Este método se aplicava sobre a consciência e seus diversos processos de apreensão e relação com o mundo. Tudo isso é fundado no conceito de “*intencionalidade*”, pois, segundo Ales Bello (2006), se refere ao processo dinâmico da consciência, isto é, à forma como o mundo é apreendido e acessado pela consciência, já que toda consciência é consciência de algo, logo ela é intencional. Edith Stein descreveu a intencionalidade:

Assim, revela-se a forma básica da vida mental especificamente humana: a *intencionalidade*, isto é, o estar direcionado para objetos. Na intencionalidade se reúnem três elementos: o *eu* olhando para um objeto; o *objeto* que eu vejo; o *ato* em que vivo em cada caso, e é dirigido a um objeto desta ou daquela maneira. Vivemos em um mundo que *nos chega através dos sentidos* e é precisamente por isso que *percebemos* (Stein, 1932-33/2007, p. 96-97)

Os aspectos intencionais e essenciais, segundo as citações de Husserl e Stein, se dão nas vivências e é a partir delas que se viabilizará o estudo do ser humano, de seus processos de conhecimento, de sua relação com o mundo e de suas relações intersubjetivas, além do conhecimento de sua subjetividade. Em relação às vivências, Ales Bello mostrou que:

Ver e tocar são vivências, e se são vivências, quer dizer que são registradas por nós e delas temos consciência. Ter consciência dos atos que são por nós registrados são vivências. Consciência, neste caso, não quer dizer que a cada momento nós temos que dizer “agora estamos vendo, agora estamos tocando”. Consciência significa que, enquanto nós olhamos, nos damos conta de que estamos vendo, ou que, enquanto tocamos, nos damos conta de tocar (Ales Bello, 2006, p. 32-33).

Vemos o uso prático do método fenomenológico para descrever as vivências e sua correlação com o mundo. Segundo Ales Bello (2004), Husserl juntou a si vários filósofos e transmitiu a eles seu pensamento e seu método, entre eles Martin Heidegger, Hedwig Conrad-Martius e Edith Stein, os quais, compactuando com o modo de pensar do mestre e desenvolvendo seus próprios pensamentos fenomenológicos, instituíram seus modos próprios de abordar os fenômenos e o conhecimento. Edith Stein teve uma preocupação especial em investigar o ser humano e suas especificidades. Ela desenvolveu uma antropologia filosófica a partir da perspectiva fenomenológica e foi com base em seu pensamento e sua descrição do ser humano que se fundamentaram a discussão e reflexão deste artigo.

Edith Stein, como assistente de Husserl, e por ter trabalhado tão próximo a seu mestre, absorveu muito da fenomenologia husserliana em seu próprio modo de articular o pensamento fenomenológico, mas, de acordo com Peretti (2010), Stein, ao se converter ao catolicismo, passou por uma mudança filosófica, pela qual se aproximou do pensamento medieval, principalmente das reflexões de Tomás de Aquino. A partir desse momento, Edith Stein buscou desenvolver sua própria antropologia filosófica e, para isso, iniciou os estudos das obras de Tomás de Aquino, entrando em contato, por meio delas, com os estudos da natureza de Aristóteles, que passariam a ser, para ela, os fundamentos de sua antropologia filosófica (Peretti, 2010).

Influenciada pela cosmologia de Tomás de Aquino, ao falar da estrutura do ser humano, pela metafísica cristã e pela fenomenologia de Husserl, Edith Stein considerou o humano como um microcosmo e formulou sua estrutura da pessoa humana. Sendo assim, o objetivo deste artigo foi discorrer sobre a teoria formulada por Edith Stein sobre a

estrutura da pessoa humana, dentro da perspectiva fenomenológica, refletindo sobre o ser humano e sua estrutura essencial, como indicação de um percurso metodológico para tornar a psicologia mais rigorosa em seus fundamentos e mais sensível a seu objeto de estudo, o ser humano.

Uma reflexão baseada nos pressupostos fenomenológicos de Edith Stein traz esclarecimento sobre a questão do que é necessário fazer para que os psicólogos voltem a buscar os fundamentos humanos de seu trabalho, de modo que se possa qualificar e problematizar o campo de sua atuação, não a partir de métodos baseados nas ciências naturais, físicas e matemáticas, mas focalizando o fato de o ser humano ser vivente, constituidor de sentido e sujeito de experiências em seu estatuto existencial.

Assim, o que se propõe é uma reflexão sobre a psicologia e seu objeto de estudo, o ser humano, e o quanto a filosofia de Edith Stein, com sua herança fenomenológica, pode servir para enriquecer e orientar os psicólogos para um caminho de resgate dos fundamentos humanos da psicologia. Para entrar diretamente nessa discussão, primeiramente será abordada a questão da estrutura da pessoa humana descrita por Edith Stein, para, posteriormente, se refletir sobre os possíveis caminhos que podem ser tomados a partir dessa questão.

A estrutura da pessoa humana em Edith Stein

Edith Stein (1932-33/2007) postulou a divisão do ser humano em três dimensões, para, com isso, poder oferecer mais didaticamente uma descrição antropológico-fenomenológica sobre o que é o ser humano e quais são suas características fundamentais. Essa divisão promovida por Stein não significa que ela tenha compreendido o ser humano como um ser cindido – como entende, por exemplo, a psicanálise e a psicologia tradicional –, mas ela usou esse artifício puramente para poder explicitar os diversos aspectos que convergem na constituição do ser humano e o tornam único e complexo em seu sentido existencial. Edith Stein (1932-33/2007), em seu livro “*Der Aufbau der Menschlichen Person*” (A estrutura da pessoa humana)², apontou que o ser humano tem, em sua estrutura, a dimensão corpórea, a dimensão anímica ou psíquica e a dimensão espiritual.

²Aqui foi usada a versão traduzida em espanhol, como se encontra nas referências.

Juntas, essas dimensões caracterizam o ser humano em sua forma singular e irrepetível, interagindo complexamente entre si e com o mundo, para fundar, assim, uma subjetividade humana. Tal subjetividade é integrada no mundo e também é integradora do mundo, ou seja, a subjetividade a que Stein se referiu é a que está no mundo, interagindo com ele, modificando-o e sendo modificada por ele e, ao mesmo tempo, é uma unidade ôntico-ontológica dentro desse mundo, possuindo, assim, um modo de ser próprio, com iniciativa própria e características singularmente peculiares a cada subjetividade humana existente. Dentro desse pensamento fenomenológico de Edith Stein, em sua descrição didática sobre a constituição humana, serão expostas, neste trabalho, as diversas dimensões que compõem o ser humano, começando com a dimensão corpórea.

A dimensão corpórea, ainda segundo Stein (1932-33/2007), é a dimensão ôntica por excelência, é o corpo objetivo delimitado no espaço e no tempo, com sua fisicalidade e concreticidade. Esse corpo, apesar de ser caracteristicamente humano em sua disposição, pode ser entendido como algo que se compartilha com os animais e também com as plantas em seu funcionamento, pois eles demandam recursos semelhantes para manterem-se vivos como, por exemplo, alimentação, proteção contra a aniquilação, água para saciar a sede etc.

Esse corpo é um corpo físico, que pode ser tocado, observado, manipulado e experimentado, tangível e presente entre o mundo dos objetos, mas que, apesar disso, não é um objeto qualquer entre outros, pois o corpo humano tem uma característica que o destaca dos demais objetos físicos, que é seu aspecto de ser vivente. O corpo humano é um corpo vivo, portador de sentidos e movimentos próprios, capaz de agir sobre o mundo de forma espontânea e de reagir a ele.

Stein (1932-33/2007) apresentou essa ideia ao trazer e diferenciar os termos de língua alemã *Körper* e *Leib*, sendo que, em ambos, está entendida a ideia de corpo, porém, *Körper*, segundo ela, é o corpo físico e tangível, é aquele que se apresenta em sua materialidade, como já exposto, enquanto *Leib* é o que ela abordou como um “corpo vivo”, capaz de agir, de sentir, de reagir, de transformar, de se expressar e de se comunicar com os outros. Esta diferenciação é importante, porque fornece clareza e discernimento quando se discute a questão da corporeidade em Edith Stein e sua relação com a intersubjetividade humana, principalmente no que tange à questão da empatia ou entropatia.

O corpo vivo é um corpo portador de sensibilidade, capaz de sentir seu ambiente externo e também agir sobre ele. Possui uma abertura através das sensações, para acolher aquela experiência que está para além de si mesmo e integrá-la na dimensão do vivido. É um marco zero de orientação, sendo a referência do ser vivente em seu modo relacional com o mundo, através de sua alma e seu espírito.

Stein (1932-33/2007) nos forneceu a ideia de psique como outra dimensão que compõe o ser humano, que se caracteriza como uma força vital que o rege e o impulsiona a buscar a manutenção de sua vida. De acordo com Peretti (2010), essa noção de psique, também chamada de “alma” ou “anímico”, está estritamente ligada à condição anteriormente mencionada de que o homem possui um corpo vivente permeado por impulsos, desejos, sede, fome e outros atributos concernentes às suas necessidades, que precisam ser satisfeitas para a manutenção da vida e, portanto, esse homem, portador desse corpo vivente, se constitui, então, como um ser vivente.

Com isso, pode-se afirmar que a psique seria a instância humana que mais se assemelha com a dimensão psíquica dos animais, pois procura sua saciedade e a correspondente manutenção da vida no mundo que podemos chamar de externo, na busca de alimentos, bebidas, sexo e outros elementos que garantem sua sobrevivência. Nessa perspectiva, pode-se incluir entre esses elementos que se configuram como integrantes da dimensão psíquica, além dos impulsos, desejos e instintos, as emoções (Stein, 1932-33/2007).

Assim como os aspectos citados, emoções como alegria, raiva, agressividade e afeto podem ser observadas em alguns animais. Pode-se dizer que as emoções são atos responsivos a um elemento externo, são movimentos que reagem a um elemento disparador de origem externa, como, por exemplo, uma atitude agressiva de um cão frente a uma ameaça, ou um arrebatamento de felicidade de um homem que acertou na loteria. São respostas a acontecimentos externos, que podem ser encontradas em suas variadas formas, tanto nos homens, quanto nos animais, sendo, assim, manifestações psíquicas que fazem parte da constituição humana. Sendo assim, Stein (1932-33/2003) afirmou que: “Também no homem constatamos uma abertura sensitiva para impressões externas e internas, assim como a capacidade de reagir às impressões externas com movimentos e ações de tipo instintivo” (p. 643).

Essas reações se configuram como ações de nível psíquico, referindo-se à dimensão do ser humano, em que age governado por seus impulsos, sensações, instintos e por formas responsivas a estímulos externos. Reconhecer e compreender essa dimensão do ser humano como existente é de suma importância para se entender os diversos processos que interagem e provocam as várias reações humanas frente aos eventos e acontecimentos do mundo. No entanto, não se pode reduzir o ser humano – partindo da fenomenologia – a essa dimensão psíquica. Ela existe nele, porém há uma característica que é especificamente humana e que interage com as duas dimensões anteriormente descritas para constituir o ser humano no que ele essencialmente é, a saber, a dimensão espiritual (espiritual porque deriva da palavra alemã *Geist*, espírito, ou também compreendida como a dimensão humana!).

Edith Stein (1917/2004), em seu livro “*Zum Problem der Einfühlung*” (Sobre o Problema da Empatia),³ trouxe, em suas descrições sobre as condições de possibilidade para a manifestação do fenômeno da empatia, a questão fundamental da dimensão espiritual, que se caracteriza como algo que pertence ao ser humano e só a ele. Assim, a dimensão espiritual se refere à capacidade humana de avaliar uma situação e tomar uma decisão, seja ela adequada ou não, usando, então, sua liberdade. Intimamente ligada à empatia ou entropatia está a consciência, ou o dar-se conta. A reflexão posterior, o pensamento reflexivo é uma consciência de segunda ordem, que permite um posicionamento ético diante da alteridade ou de nosso semelhante.

Enfim, é a capacidade única do ser humano de transcender a si mesmo em direção ao outro e ao mundo, de configurar sentidos e significados, de vivenciar e refletir sobre essas vivências, transformando o mundo a sua volta e sendo transformado por ele. Além disso, inclui-se, nesta capacidade, a propensão humana para se configurar intersubjetivamente, além de sua disposição empática e sentimental e assim por diante. Nesses termos, Stein afirmou:

Já quando concebíamos o corpo vivo alheio como centro de orientação do mundo espacial, temos tomado o eu pertencente a ele, como sujeito espiritual, pois com ele temos concebido uma consciência que constitui objeto, temos considerado o mundo

³Aqui também foi usada a versão traduzida em espanhol, como consta na referência.

externo como seu correlato; toda percepção externa se exerce em atos espirituais. Assim mesmo, com cada ato de empatia em sentido literal, isto é, com cada apreensão de um ato sentimental, já temos penetrado no reino do espírito (Stein, 1917/2004 p. 109-110).

No reino do espírito aludido por Stein, está compreendida a consciência e seus diversos processos de conhecimento descritos pela fenomenologia. É nessa dimensão humana que se insere a tão propagada liberdade humana já referida, com suas propensões a livres escolhas, inseridas em uma miríade de possibilidades, e é nessa dimensão que se encontra a razão, com sua função de reflexão e de pensamento, que questiona o mundo, a natureza e o próprio ser humano.

É nessa racionalidade humana que se inscreve o processo de investigação científica e onde têm origem as disciplinas que chamamos de ciências, além de advir dela a capacidade humana de fazer cultura e de produzir e buscar o conhecimento. Porém, nessa dimensão espiritual, não se encontram unicamente os princípios da razão e seus elementos constitutivos. Nela também se encontram a sensibilidade humana com todas as suas sutilezas e variâncias, incluindo os processos empáticos, quer dizer, a capacidade humana de ter acesso à vivência de outro ser humano, por uma via intuitiva, anterior à reflexão, o que propicia e desencadeia a possibilidade de os seres humanos sentirem solidariedade, compaixão, amor, ternura e tantos outros sentimentos caracteristicamente humanos (Ranieri & Barreira, 2012). É a partir dessa dimensão que o homem pode sair de si mesmo, buscando o transcendente, o além de si (uma abertura originária ao porvir e à amplitude da existência). Têm raiz nessa potencialidade as estruturadas formulações religiosas e as especulações filosóficas.

Em tal dimensão do ser humano, inserem-se as capacidades humanas em sua plenitude, os diversos temas que há tanto tempo intrigam a humanidade e, por serem especificamente humanas, deram origem às diversas correntes denominadas de ciências humanas, incluídas a filosofia, a antropologia, a sociologia e a psicologia. A dimensão espiritual, para Stein (1932-33/2007) é a atividade do eu em seu processo de atualização e elaboração. É com base nesse eu existente na dimensão espiritual que se organiza toda espécie de vivência, seja ela proveniente da relação com as coisas do mundo, seja da

relação do homem consigo mesmo, nas experiências vividas a partir da corporeidade e dos elementos psíquicos.

O espírito é o polo organizador e unificador de todas as vivências, sejam corpóreas ou psíquicas. É ele que elabora essas vivências e as transforma em reação, criatividade, ação, pensamento, etc. Oferece unidade à pessoa e permite que ela seja um ser integrado e único, capaz de ter um sentido do eu que pode significar e tematizar suas experiências. Ele é abertura e também transcendência, é a fonte que possibilita a configuração de sentidos na vida humana. Para Stein (1932-33/2007), a alma não deve ser pensada como isolada e definidora do ser humano, pois ela é uma instância do ser humano que se enraíza tanto no corpo, como no espírito. É o corpo que intermedeia, via sensações às provocações do mundo, e é ele que exterioriza os atributos da alma, reagindo aos estímulos, agindo sobre eles e dando vazão às tensões internas. É o espírito que oferece a unidade e a elaboração dos aspectos concernentes à alma, pois é através desse polo integrador, que é o espírito, que a alma se constitui como pertencente a um ser vivente único e que se configura como interioridade, podendo a alma se expressar como atos espirituais.

Assim, Edith Stein descreveu as três dimensões do ser humano para poder compreendê-lo no que lhe é característico, sendo essas dimensões integradas e harmoniosas em cada ser humano. O ser humano não é um ser cindido, mas sim total e complexo ao mesmo tempo e, para mostrar a integridade humana que abarca essas três dimensões, Stein compreendeu o homem como um ser “*psicofísico e espiritual*”, ou seja, essas várias dimensões se entrelaçam e se interpenetram, somando forças para constituir o ser vivente. Afirmou Stein:

Se podemos desenvolver uma primeira percepção sobre os distintos estados do reino do ser, e tomamos o homem como um microcosmo, podemos dizer que nele se unem todos esses estados: ele é coisa material, é ser vivo, ser animado, e é pessoa espiritual (Stein, 1932-33/2003, p. 592-593).

As dimensões trazidas por ela não existem somente em sua teorização sobre a estrutura humana, não são categorias abstratas, mas existem factualmente, podendo ser observadas no dia a dia da experiência humana. Edith Stein (1932-33/2007) afirmou, ainda, que o ser humano, por todas essas características, possui uma interioridade formada a partir da constante interação entre o corpo e suas capacidades sensoriais, a psique,

através de seus elementos volitivos e instintivos e o espírito, a “sede da alma”, com suas peculiaridades e aspectos genuinamente humanos. Esse interjogo possibilita a abertura humana para a construção de uma subjetividade que se configura singular e pessoal em cada ser humano, sendo, portanto, aberta e voltada para a alteridade. A estrutura do ser humano é universal, comum a todos; o que diferencia cada pessoa de outra são os conteúdos peculiares e singulares.

A noção de pessoa em Stein (1932-33/2007) surgiu como um elemento extremamente importante, já que as três dimensões integradas e harmoniosas configuram a pessoa em sua concreticidade. A pessoa humana possui um núcleo que a torna única e singular no mundo e esse núcleo é trazido por ela como o centro do humano, seu elemento essencial. O núcleo é único e diferente em cada ser humano e nele estão contidas as limitações e as potencialidades de cada pessoa. Assim, o processo de formação pessoal não é só o adquirir de conteúdos intelectuais; só isso não basta para se buscar a formação da pessoa. Esses conteúdos têm de estar em harmonia com as potencialidades do núcleo que há em cada ser humano e, ao mesmo tempo, não podem extrapolar as limitações que este contém. Além disso, os conteúdos devem, simultaneamente, ser aceitos por um ato livre pela pessoa a se formar, para que a formação possa se concretizar – essa é a complexidade da formação. A pessoa forma o caráter a partir das disposições originárias de seu núcleo, no qual, através da alma em contato com os acontecimentos vindos do ambiente e de si mesmo, como ser espiritual, vão surgindo modos psíquicos regulares e específicos de reação aos fatos do mundo, permeados com uma série de vestígios que denotam uma personalidade característica em cada ato, personalidade advinda de seu núcleo pessoal. Tal caráter singulariza a pessoa e a identifica.

O núcleo se expressa em atos espirituais que se configuram como liberdade. O ser humano é livre porque é capaz de mergulhar no mundo e na sua interioridade, transcendendo a si mesmo, e porque é capaz de tomar decisões de acordo com sua vontade. Porém, tal liberdade não é infinita e sem fronteiras, esbarra nas essências que são próprias do ser humano, ou seja, existem limitações espaço-temporais e existenciais que bloqueiam as ações dessa liberdade. No entanto, pelo fato de o humano poder adentrar em sua interioridade, transcender a si mesmo e projetar o futuro, ele é responsável por seus atos (Stein, 1932-33/2007).

A responsabilidade acompanha, necessariamente, sua liberdade. A pessoa pode escolher seguir as tendências que fluem de seu núcleo e desenvolver suas potencialidades, ou pode escolher ignorá-las e se desviar para outros caminhos, mas a responsabilidade sempre segue seus atos livres. Por ter essa liberdade e optar fazer uso dela, o ser humano pode e deve formar o si mesmo e essa autoformação pessoal passa pela decisão livre de se posicionar diante das qualidades originárias, aceitando umas e descartando outras, delineando seu caráter e propiciando a autoformação como pessoa e espírito. É por isso que Stein (1932-33/2007) disse, sobre ser pessoa: “Ser uma pessoa significa ser livre e espiritual. O homem é uma pessoa: é o que o distingue de todos os seres da natureza” (p. 94).

A pessoa e sua formação também passam pela dimensão social do ser humano. Para Stein (1932-33/2007), a pessoa se forma a partir da alteridade e é através de uma série de influências recíprocas entre as pessoas e sua coletividade que se dá a formação e o desenvolvimento do ser espiritual. É o outro que recebe o ser humano no mundo, o apoiando, o educando e cuidando dele para que se desenvolva e cresça saudavelmente e, nessa troca de experiências que se dá durante a vida entre as pessoas, com suas vivências próprias e alheias, passando pelo contexto histórico, social e cultural, é que se concretiza o processo de formação. Para ilustrar, Stein pontuou:

O indivíduo humano isolado é uma abstração. A sua existência é a existência em um mundo, sua vida é vida em comum. E estas não são relações externas, que são adicionados a um ser que existe em si e para si, mas, a sua inclusão em um todo maior pertence à própria estrutura do homem. Em nossa análise anterior esta circunstância foi se mostrando aos poucos. Agora temos que cavar um pouco mais nessa direção (Stein, 1932-33/2007, p.163).

Um elemento fundamental nesse interjogo social que propicia a formação é seu conceito de empatia. A empatia, para Edith Stein (1917/2004), é uma capacidade intuitiva e espiritual humana de reconhecer e intuir o outro como seu semelhante, quer dizer, é uma disposição originária em que existe uma abertura e uma conexão para apreender e captar o que é o humano nas vivências e através delas, disposição esta que não é só gnosiológica e intelectual, é fundamentalmente pré-reflexiva e espiritual.

Reconhece-se o outro enquanto ser humano e se tem acesso às vivências dele como possibilidades essenciais não em sua integralidade, porque cada vivência é individual e não se tem acesso a ela, mas apenas a sua essência, como uma possibilidade humana. Traduzindo, é a capacidade humana de experienciar a experiência alheia. Para sintetizar o que significa a empatia, de acordo com Savian Filho:

A consciência do outro, o mundo e o eu são as três frentes de investigação fundamentais em fenomenologia; assim, a empatia é o nome que designa especificamente o ato pelo qual o eu pode conhecer a experiência alheia, donde o caráter, insistamos, epistemológico da temática, e não psicológico ou psíquico. Por fim, sendo exatamente pensada por Edith Stein no registro da consciência, a empatia é o que permite afirmar a intersubjetividade e garantir uma visão não solipsista do mundo nem do próprio eu que conhece (Savian Filho, 2014, p. 51).

É nesse compartilhar de vivências, via empatia e nas trocas culturais, intelectuais e espirituais, e também através do relacionar do espírito com sua singularidade como ser psicofísico e espiritual que o ser humano vai se constituindo e se formando como sujeito.

Nesses termos, Ales Bello (2002) afirmou que a grande conquista da fenomenologia é ter voltado sua atenção para as vivências e é nessa característica do humano (a subjetividade) em contato com outro, a intersubjetividade, com sua complexidade de vivências, que se concentra o trabalho da psicologia clínica.

Após discorrer sobre como se estrutura a pessoa humana, segundo Edith Stein, este artigo volta-se, agora, à pergunta inicial de como as reflexões de Edith Stein podem auxiliar os psicólogos a resgatar os fundamentos humanos da psicologia contemporânea.

Percurso para uma psicologia mais humana

Por meio do breve percurso sobre as ideias de Edith Stein sobre a estrutura da pessoa humana, já foi possível perceber que a autora abdicou da imperiosa cisão sujeito/objeto, em que é necessário todo um método das ciências naturais que possa, via resultados psicométricos ou diagnósticos, acessar a subjetividade humana, ou mesmo qualquer tipo de aporte que busque determinar causas para que se possa prever e curar o sofrimento humano.

Edith Stein formulou seu pensamento sobre o ser humano tratando de assuntos e temas que se referem ao âmbito da filosofia e psicologia com tal maestria e sensibilidade, que convoca a estudar seu pensamento e seus argumentos, a fim de analisar seu valor para a psicologia. Com certeza, é necessário ter bem demarcados tanto os alcances da filosofia, quanto da psicologia, em seus respectivos campos de investigação, mas existem pontos de intersecção entre elas e, principalmente, no caso de Edith Stein, a sensibilidade e a sutileza com que aborda a questão humana trazem, em seu bojo, a possibilidade desse entrelaçamento. É considerando dessa forma, considerando que Edith Stein ultrapassou o campo estritamente filosófico e atingiu essa intersecção com a psicologia, que prossegue este trabalho. Percorrendo os estudos de Edith Stein, de acordo com Mahfoud e Massimi (2008, 2013), observa-se que ela traçou uma “psicologia fenomenológica”, ou seja, uma psicologia voltada para o “interior”, para a subjetividade humana. Usando o método fenomenológico, Stein descreveu as dimensões humanas e orientou os profissionais a voltarem às vivências, a voltarem às coisas mesmas, a voltarem ao encontro do ser humano, aquele que é semelhante a nós (não igual) e que, como nós, é abertura e complexidade, oferecendo um caminho e um método de investigação em psicologia.

Edith Stein foi na contramão das tendências científicas de seu tempo contemporâneo e também do atual. Com seu modo fenomenologicamente orientado, incentivou a ir direto ao humano, pois é ele o objeto de estudo e nele se encontrará a verdade que importa de modo peculiar à clínica, a verdade do sujeito e seu modo específico de vir a ser.

Assim entendida, a contribuição que a estrutura da pessoa humana de Edith Stein pode oferecer à psicologia clínica é a possibilidade de problematizar esse campo através da compreensão das potencialidades da dimensão espiritual. Edith Stein, ao apresentar seu conceito de empatia, instigar o retorno às vivências para ter um real acesso ao ser humano, ao destacar a importância do fator intuitivo na convivência e no conhecimento humano, além da inserção da noção do ser humano como ser psicofísico e espiritual – que é de fundamental importância para se compreender o quanto o ser humano é complexo –, ofereceu, assim, um rigor aos fundamentos epistemológicos. O método fenomenológico surgiu como uma importante ferramenta, que pode auxiliar os psicólogos na clínica. As descrições e o uso que Stein fez dele, em suas obras, são extremamente fecundos como exemplo de que modo se utilizar, na prática, esse método.

Por fim, esse instigar da fenomenologia a compreender o campo de saber da psicologia clínica, em busca de avançar com o conhecimento, abre a possibilidade para que os profissionais estejam atentos e dispostos a repensar seu trabalho e, com isso, sempre valorizar o especificamente humano na psicologia, tornando-a, então, mais humana em seus fins, já que de acordo com Ales Bello:

Se podemos dizer que em certa medida— como eu tento dar a minha contribuição — a mesma fenomenologia nasce como resposta à solicitação proveniente da psicologia e da sua grande ambição— entre seus muitos propósitos teóricos— nasceu, e ainda tem sido e segue sendo, dar à pesquisa psicológica a informação necessária para esclarecer o seu próprio caminho. Certamente, a escolha é direcionada para uma psicologia qualitativa, que se pergunta o que é a psique e quais são os atos psíquicos, sem reduzi-los ao que é puramente quantitativo (Ales Bello, 2005, p. 214).

A psicologia com o suporte oferecido pela fenomenologia pode resgatar sua essência qualitativa, compreendendo toda a riqueza e complexidade que seu objeto de estudo — o ser humano — possui, sendo capaz de, com isso, acolher e oferecer a ajuda necessária para o sofrimento que ele apresenta. Nessa medida, o grande ponto de intersecção entre a fenomenologia de Edith Stein e a psicologia é o fato de a subjetividade ser encarada por ambas como aberta à intersubjetividade, o que possibilita uma aproximação fecunda entre esses dois campos. Enfim, de acordo com Ales Bello, prefaciando o livro de Mahfoud e Massimi (2013), a psicologia brasileira saiu na frente nessa empreitada de, em diálogo com a fenomenologia, repensar seus métodos e estabelecer novos caminhos de atuação, almejando, com isso, oferecer um arcabouço compreensivo, que seja mais sensível e adequado para abarcar toda a complexidade e possibilidades de manifestação da vivência humana. É dessa forma que a estrutura da pessoa humana de Edith Stein aparece como indicação para a formulação de uma psicologia fundamentalmente humana.

Referências

- Ales Bello, A. (2002). Teologia negativa, mística, hilética fenomenológica: a propósito de Edith Stein. *Memorandum*, 3, 98-111. Recuperado de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos03/alesbello01.htm>
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. (M. Mahfoud & M. Massimi, Trans.). Bauru, SP: EDUSC.
- Ales Bello, A. (2005). *Le fontifenomenologichedella psicologia*. Pisa: EdizioniEts.
- Ales Bello, A. (2006). *Introdução a Fenomenologia*. (J.T. Garcia & M. Mahfoud, Trans.). Bauru, SP: EDUSC.
- Ales Bello, A. (2013). Prefácio. (M. Mahfoud, Trad.). In Mahfoud, M. & Massimi, M. (Orgs). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (p. 9-13). Belo Horizonte: Artesã.
- Husserl, E. (1962). *Ideas relativas a una fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica*. (J. Gaos, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica. (Original publicado em 1913).
- Husserl, E. (2000). *A Ideia da Fenomenologia*. (A. Morão, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Original publicado de 1907).
- Husserl, E. (2008a). *A crise da humanidade europeia e a fenomenologia*. (U. Zilles, Trad e Rev.). Porto Alegre: EDIPUCRS. (Original publicado de 1934-37).
- Husserl, E. (2008b). *La Crisis de las ciencias europeas y la fenomenologia transcendental: Una introducción a la filosofia fenomenológica*. (J. V. Iribarne, Trad.). Buenos Aires: Prometeo Libros. (Original publicado em 1936).
- Mahfoud, M. & Massimi, M. (2008). A pessoa como sujeito da experiência: contribuições da fenomenologia. *Memorandum*, 14, 52-61. Recuperado de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/mahfoudmassimi02.pdf>
- Mahfoud, M. & Massimi, M. (Orgs). (2013). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (p. 9-13). Belo Horizonte: Artesã.
- Peres, S. P. (2013). O significado do pensamento fenomenológico de Stein à luz do desenvolvimento da concepção de psicologia em Husserl. In Mahfoud, M. & Massimi, M. (Orgs). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (p.23-50). Belo Horizonte: Artesã.
- Peretti, C. (2010). Gênero: perspectivas antropológicas e fenomenológicas em Edith Stein. *Estudos Teológicos*, 50(1), 59-68.

- Ranieri, L. P., & Barreira, C. R. A. (2012). A empatia como vivência. *Memorandum*, 23,12-31. Recuperado de <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a23/ranieribarreira01>
- Roehe, M. V. (2006). Uma abordagem fenomenológica-existencial para a questão do conhecimento em psicologia. *Estudos de psicologia*, 11(2), 153-158. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n2/a04v11n2.pdf>
- Savian Filho, J. (2014). A empatia segundo Edith Stein: Pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? In Savian Filho, J. (Org). *Empatia. Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas* (p. 29-52). São Paulo: Edições Loyola.
- Serbena, C.A., & Raffaelli, R. (2003). Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos. *Psicologia em estudo*, 8(1), 31-37. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n1/v8n1a05.pdf>
- Stein, E. (2003). Estructura de la Persona Humana. In *Obras completas IV. Escritos antropológicos y pedagógicos*. (F. J. Sancho, e cols., Trads., J. Urkiza, revisão). Madrid: Editorial Monte Carmelo. (Originais de 1932-33).
- Stein, E. (2004). *Sobre el problema de la empatia*. (J. L. C. Bono, Trad.). Madrid: Editorial Trotta, S.A. (Original de 1917).
- Stein, E. (2007). *La estructura de la persona humana*. (J. Mardomingo, Trad.). Madrid. Biblioteca de Autores Cristianos. (Originais de 1932-33).